



MR.FOOTBALL

UMA PRODUÇÃO DE:





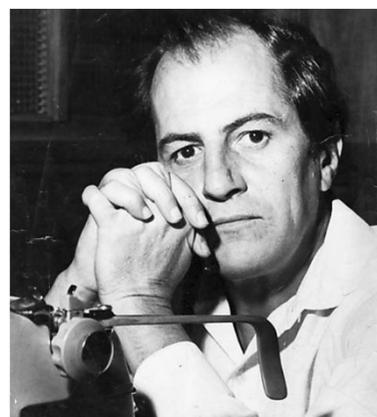
UM FILME DE

**JOSÉ CARLOS ASBEG E
ANDRÉ FELIPE DE LIMA**



“Como o poeta limpando as lentes do verso, como o microscopista debruçado sobre o câncer, como o camponês a separar o joio do trigo. Como o compositor a perseguir a melodia, o futebol de Didi é lento, sofrido, difícil, inspirado, idealista. Eis um homem que quase achou o que não existe: perfeição”.

Paulo Mendes Campos





O QUE É O FUTEBOL?



FUTEBOL É DIDI.



“O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha, que foi até hoje a melhor afirmação de arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e outros europeus, jogado tão angulosamente”.

Gilberto Freyre

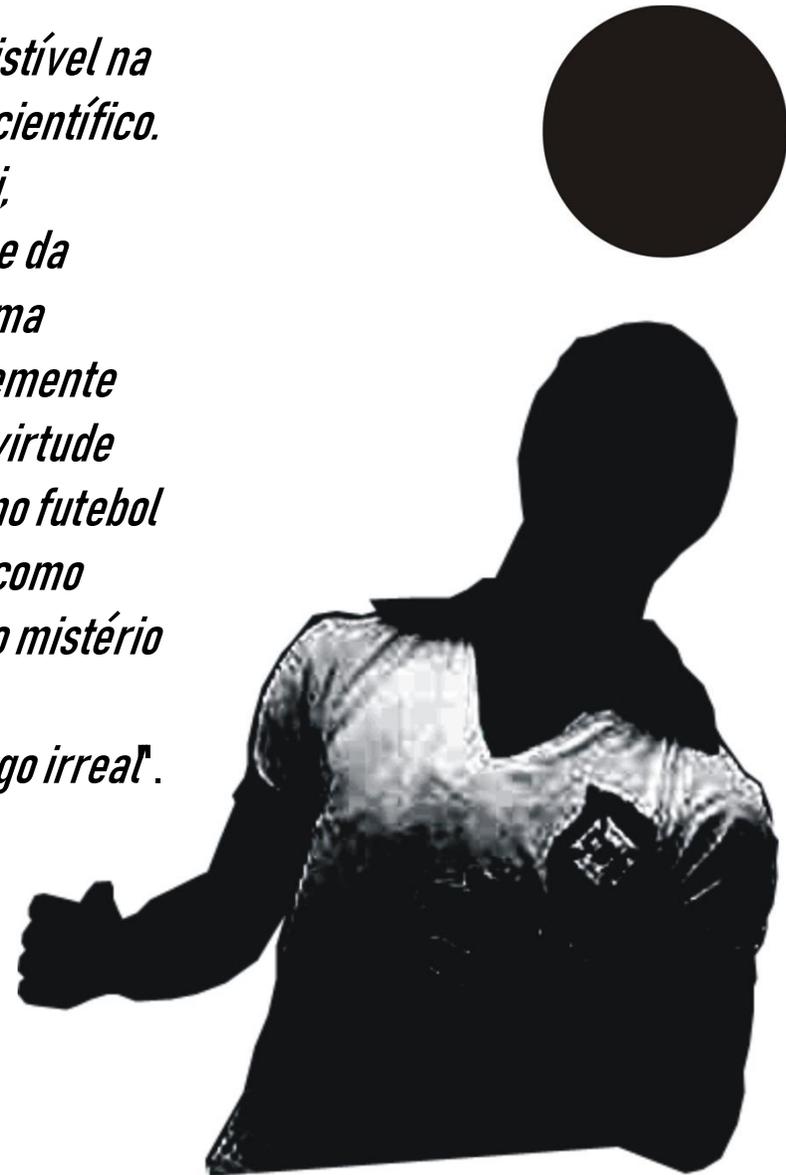




MR Football mostrará uma dimensão para além do futebol, indo na direção do que o sociólogo Gilberto Freyre buscava na identidade nacional. Ou seja, o futebol como cofundador de uma brasilidade que se expressa corporalmente, que se expressa no jogo da bola, que se transforma de esporte em sociologia e antropologia permanentes. O futebol como transformação social.

"Didi é maravilhosamente medular, irresistível na execução de um passe longo, e cerebral, científico. Tem perfeita noção espacial, como possui, também, profundo conhecimento do jogo e da posição dos jogadores, é capaz de criar uma situação excepcional de gol que aparentemente não existia. É esta, sem dúvida, a grande virtude que distingue o gênio do simples talento no futebol - a capacidade de antever a jogada. Didi, como Pelé, por exemplo, é tão extraordinário no mistério da antevisão de um lance que em certos momentos chega a fazer do futebol um jogo irreal".

Armando Nogueira





*“Um bruxo, um feiticeiro do futebol,
pelas misérias que o vi fazer com a
bola nos pés e pelo seu poder de
mudar os destinos de uma partida
no momento em que assim decide”.*

**Nacka Skoglund, ponta-esquerda
da seleção sueca de 1958.**





Ele caminhava com a bola embaixo do braço. Resoluto. Convicto. Decidido de que nada terminara ali, nas redes do goleiro **Gylmar**. A equipe parecia em estado de choque. Os que o cercavam, atordoados, eram acalmados. E caminhava sereno. Passos lentos, cadenciados. A eternidade de uma final de Copa do Mundo estava sob seu controle. O destino do futebol brasileiro caminhava com ele.

Essa cena, já uma lenda do futebol mundial, foi protagonizada por Didi na final da Copa do Mundo de 1958, na Suécia, quando os anfitriões, aos três minutos de jogo, fizeram o primeiro gol do jogo. Sua altivez deixou atônitos os suecos. O estádio silenciou. Incrédulos, os torcedores olhavam aquele homem, que caminhava para o centro do campo como se nada acontecera. Ali o Brasil começava a ganhar sua primeiro Copa e a assombrar o mundo do futebol.



“Feito de 11 autênticos craques, o Brasil parece uma orquestra afinada a exhibir sem perturbações os seus dotes em campo... Mas quem está por de trás de tudo, como um filtrador de qualidade, é Didi. Astuto, artístico, capaz de inventar soluções para certas ocasiões em questão de segundo, é ele o grande maestro dessa orquestra que encantou a todos nós”.

Jornal da Espanha.

MARCA



Assim era Didi, que mais se parecia com um mestre budista. Para ele, um estádio de futebol era um santuário nepalês. Sua concentração era inabalável. A estrondosa arquibancada não o importunava. Jamais! Um pio sequer o atingia quando a bola estava sob seu sacrossanto domínio. Deus parece ter feito de Didi os seus pés na terra. Tocava na bola e ela o obedecia. Pasmos, os fiéis torcedores presenciavam o incomum, o inverossímil. O impossível aos olhos humanos: a curva da bola rumo ao gol do goleiro adversário. Sim, a curva era improvável, quase inverídica se não houvesse testemunhas do lance... da “folha seca”, como denominou o radialista **Luiz Mendes**, que viu com olhos de ver.



*“Um artista de trejeitos
inigualáveis. Um senhor todo
poderoso, dono absoluto do
meio de campo, mas capaz de
encontrar tempo e fôlego
também para enviar sempre
seus chutes venenosos à meta
adversária”.*

Jornal da Itália.

**CORRIERE
DELLA SERA**



O homem, o jogador de futebol, o mito. Tudo em torno de um único ser deificado no Olimpo da bola. O único, em todo o mundo, que foi e será sempre chamado de Mister Football. E na histórica noite de 24 de janeiro do ano 2000, Didi se tornou imortal: passou a fazer parte do Hall da Fama da FIFA.

Quem era esse homem de personalidade extraordinária e encantadora? Quem era esse líder em momentos difíceis como o da virada contra os suecos na final da Copa de 58? Quais caminhos ele percorreu até ser eleito um dos maiores jogadores de todos os tempos? Com certeza, não foram fáceis. As respostas a essas perguntas estarão no filme documentário **Mr. Football**, no qual depoimentos de ex-jogadores, jornalistas, dirigentes esportivos, familiares e amigos que conviveram com Didi resgatarão a lendária figura do craque, do ídolo inabalável. De um deus genuíno do futebol.



“O melhor exemplo de um craque que aprendeu a disciplinar a sua técnica, jogando, com o mais brilhante rendimento, um futebol que vem do instinto e da reflexão... E esta é, sem dúvida, a grande virtude que distingue o gênio do simples talento do futebol: a capacidade de antever a jogada”.

**Armando Nogueira, cronista
esportivo brasileiro.**





O homem que jogava bola como se disputasse uma partida de xadrez, antevendo movimentos do oponente, enquanto abria possibilidades de novos lances. Elegante, frio, calculista, não foi à toa que recebeu de **Nelson Rodrigues** o apelido de “príncipe etíope de rancho”, pela forma com que praticamente deslizava em campo, mantendo impecável o uniforme praticamente até o final da partida.

Fora dos gramados, a mesma fleuma. Didi vestia ternos finos. “Poderia passar perfeitamente por um diplomata africano na ONU”, escreveu **Ruy Castro**. Todos queriam ser Didi. Dentro e fora dos campos. Dentro das quatro linhas queriam repetir a “folha seca”. Copiá-la, impossível. O lance é respeitado e é de Didi. Tanto que o termo consta do Dicionário Aurélio como verbete: “Chute direto a gol, geralmente com a bola parada, cuja trajetória sofre uma queda súbita, que surpreende o goleiro.”



Mr. Football mostrará as origens de Didi, que nasceu Valdir Pereira, a 8 de outubro de 1929, em Campos, Norte Fluminense, e lá tornou-se um menino amante da bola. Tão íntimo da bola e dono do jogo que mereceu do amigo e bicampeão mundial Vavá o seguinte elogio: “com ele do seu lado, você podia jogar em paz, sem nenhuma preocupação, porque sabia que havia por perto um jogador que era uma garantia”.





“Este homem é, na verdade, uma pérola negra muito rara e valiosa, que todo amante do futebol deve procurar ver e relembrar para todo o sempre. Não é muito comum aparecer um jogador com tais virtudes, em qualquer parte que seja. Didi é a um tempo artista, malabarista e jogador de futebol. Um passe seu de 50 metros equivale a meio gol. E quando chuta, suas bolas fazem como o próprio mundo: giram, giram, giram. E traçam irremediavelmente uma parábola fatídica para o melhor dos arqueiros...”

Gabriel Hanot, papa da crônica esportiva europeia. L'Équipe e France Football.





“Um maravilhoso artesão, como poucos nos quais pus os olhos até hoje. E, sem dúvida, o maior jogador que existe na atualidade – para alegria dos verdadeiros apaixonados pelo futebol da arte e da alegria dos gols”.

Pedro Escartin, cronista espanhol, no livro a Glória dos Campeões do Mundo, 1958, sobre os jogadores brasileiros que levantaram o mundial na Suécia.





Didi foi o cérebro de todos os times pelos quais passou. Seja como jogador ou técnico. Ele foi um dos poucos treinadores que, apenas do banco, ganhavam jogos. Só os cartolas da CBD e, depois, da CBF não enxergaram isso. Com a bola nos pés, incomparável.





Sobre a final da Copa do Mundo na Suécia, Nelson Rodrigues definiu-o com irretocável [e inquestionável] precisão: *“Mas há, no caso de Didi, certas circunstâncias que projetam o craque em alto-relevo. O torcedor estava errado quando o imaginava incapaz de paixão, incapaz de gana, incapaz de garra. Molhou a camisa, derramou até a última gota de suor, matou-se em campo. Quando o rei Gustavo da Suécia veio apertar-lhe a mão, eu imaginei ao ouvir no rádio a descrição da cena: — dois reis! Pois Didi, como sempre tenho dito aqui, lembra um rei ou príncipe etíope de rancho. Com as suas gingas maravilhosas, ele, em pleno jogo, dava a sensação de que lhe pendia do peito não a camisa normal, mas um manto de cetim azul, com barra de arminho.”*





**Definitivamente, o prazer maior foi
do rei sueco ao apertar a mão do
Mr. Football.**



JOSÉ CARLOS ASBEG

MR.FOOTBALL



José Carlos Asbeg, cineasta. Formado pela The Polytechnic of Central London. Diretor-executivo da Palmares Produções, empresa que completa trinta anos de atividades em 2019. Realizador dos seguintes trabalhos recentes: **Palmares coração brasileiro alma africana**, série de cinco episódios sobre a saga do Quilombo dos Palmares; **Depois do Vendaval**, série/longa de três episódios sobre os movimentos de redemocratização do país no período de 1978 a 1980; **Todos os dias de nossas vidas**, longa-metragem documental sobre oito casais que completaram mais de cinquenta anos de matrimônio. Anteriormente, realizou **1958 O ano em que o mundo descobriu o Brasil**, série de cinco episódios e longa-metragem documental. No momento trabalha com o jornalista André Felipe de Lima no roteiro e pesquisa do filme longa-metragem documental **Mr. Football**, sobre Didi e a arte do maior meio campista do futebol brasileiro de todos os tempos.



ANDRÉ FELIPE DE LIMA

MR.FOOTBALL



O repórter André Felipe de Lima atuou em algumas das principais redações jornalísticas do Rio de Janeiro. Há cerca de 20 anos investiga as histórias de alguns dos maiores ídolos do futebol brasileiro. A pesquisa jornalística resultou na coleção “**Ídolos & Épocas**”, cujo primeiro tomo, comendo três volumes sobre a Era amadora do futebol brasileiro, que vai de 1900 a 1933, será lançado no primeiro semestre de 2019. Além desta obra, empenha-se na coprodução do roteiro do filme **Mr.Football**, sobre a vida do jogador Didi, o mais cerebral de todos os craques da história do futebol mundial, com o cineasta José Carlos Asbeg.



PATROCÍNIOS



DIVISÃO DE COTAS DE PATROCÍNIO

Apresenta Patrocínio Apoio Agradecimento

APRESENTA

Marca isolada dos demais no início e no final do filme.

Inserção destacada no cartaz e nas peças de divulgação.

Cota de 30 convites para a pré-estreia.

Cota de 30 DVDs do filme.

Menção nas entrevistas dos produtores.

APORTE

Duas cotas de R\$ 150.000,00

Cota única de R\$ 300.000,00

PATROCÍNIO

Marca junto aos demais patrocinadores no início e no final do filme.

Inserção na barra do cartaz e nas peças de divulgação.

Cota de 20 convites para pré-estreia.

Cota de 20 DVDs do filme.

APORTE

12 cotas de R\$ 60.000,00

APOIO

Marca junto aos demais apoiadores no início e no final do filme.

Inserção na barra do cartaz e nas peças de divulgação.

Cota de 10 convites para a pré-estreia.

Cota de 10 DVDs do filme.

APORTE

10 cotas de R\$ 30.000,00

AGRADECIMENTO

Nome citado nos créditos finais do filme.

Cota de 05 convites para a pré-estreia.

Cota de 05 DVDs do filme.

APORTE

20 cotas entre R\$ 5.000,00 e R\$ 10.000,00

Obs. Estas cotas podem vir de contribuição direta ou em serviços: transporte, alimentação, hospedagem, equipamentos etc.

